



LISBOA. RECLUS - GEORGE GUYOU

# A Anarquia e a Igreja

Tradução de  
Pero Botelho



LISBOA

Edição dos "NOVOS HORIZONTES,"

15, 3.º. RUA DA VINHA, 15, 3.º

1907





# A Anarquia e a Igreja

---

A nossa linha de conduta relativamente á Igreja e ás Igrejas está nitidamente determinada pela attitude que ellas proprias observam para comnosco. Nós sômos odiados, execrados, malditos: vota-se-nos não sómente aos suplicios do inferno,—o que para nós não tem importancia,—mas aponta-se-nos á vingança das leis temporaes, á vingança especial dos reis, dos carcereiros e dos carrascos, mesmo até ao artificio dos torturadores que a Santa Inquisição, ainda viva, mantem nas masmorras. A linguagem official dos papas, fulminada em suas bullas recentes, dirige expressamente a campanha contra os «inovadores insensatos e diabolicos, os orgulhosos discipulos duma pretendida ciencia, os individuos desvairados que exaltam a liberdade de consciencia, os desprezadores de todas as coisas sagradas, os odiosos corruptores da juventude, os obreiros do crime e da iniquidade»! Esses malditos, esses anatematizados são, em primeiro logar, os que se chamam homens de revolução, anarquistas ou libertarios.

Está bem! É justo, é legitimo que pessoas dizendo-se e crendo-se, ellas proprias, sagradas para ezercer o dominio absoluto sobre o ge-



nero humano, concentrem toda a força do seu odio contra os réprobos que contêstam os seus direitos ao poder e combatem todas as manifestações d'esse poder. «Exterminae-os! Exterminae-os!» tal é a divisa da Igreja como nos tempos de S. Domingos e Innocencio III.

A' intransigencia católica nós opômos egual intransigencia, mas como homens e como homens possuidos da ciencia contemporanea, não como taumaturgos e como carrascos. Nós repelimos em absoluto a doutrina católica, assim como a de todas as religiões connexas, amigas ou inimigas; nós combatemos as suas instituições e as suas obras; nós trabalhamos para destruir os efeitos de todos os seus atos. Mas isto sem odio aos que as defendem e praticam, porque nós não ignoramos que todos os homens são determinados pelo meio em que suas mães os têm embalado e a sociedade os tem educado; nós sabemos que uma outra educação, algumas circunstancias menos favoraveis teriam podido embrutecer-nos tambem, e o que procuramos sobretudo, é precisamente fazer surgir para elles, — se ainda fôr tempo, — e para as gerações do futuro, condições novas que isentarão os homens da «loucura da cruz» e d'outras alucinações religiosas.

Não pensamos em vingar-nos quando chegue o dia em que fôrmos os mais fortes: os cadafalsos e as fogueiras não bastariam, tantas vítimas tem feito a Igreja durante todo o seu dominio. E a vingança não está nos nossos principios, porque o odio chama o odio e nós diligenciamos entrar numa era nova de paz social. O firme proposito que nós queremos realisar não é empregar «as tripas do ultimo padre para enforcar o ultimo rei», mas trabalhar de modo que nem padres nem reis pos-

sam surgir na atmosfera purificada da nossa sociedade nova.

Logicamente, a nossa obra revolucionaria contra a Igreja deve começar por ser destrutiva antes que possa tornar-se construtiva, se bem que as duas fases de ação sejam interdependentes e se completem ao mesmo tempo, mas sob diversos aspéctos, segundo os diferentes meios. Na verdade, não é intenção nossa tentar destruir á viva força as crenças sinceras, as ingenuas e beatas ilusões; não podemos entrar nas consciencias para d'ellas expulsar as perturbações e os sonhos, mas podemos trabalhar com todas as nossas forças para afastar do funcionamento social tudo o que não está de acôrdo com as verdades scientificas reconhecidas; podemos entrar em luta com todos os que procuram fóra da humanidade e do mundo um ponto de apoio divino, que permita a varias castas parasitas, disfarçarem-se em intremediaríos hipocritas entre o creador ficticio e as suas creaturas.

Visto que a crença e o terror foram em todos os tempos as razões que submeteram os homens,—assim que os reis, padres, feiticeiros e pedágonos os tenham mantido sob tão diversas formas,—combatemos incessantemente esse terror dos deuses e dos padres pelo estudo e pela exposição da serena claridade das coisas.

Damos caça a todas as mentiras que os herdeiros da antiga estupidez teologica teem disseminado no ensino, nos livros e nas artes. E não deixamos de conter o vil pagamento dos impostos diréto, e indiréto que o clero nos extorque, de embarçar a construção de capelas, de altares, de igrejas, de estatuas votivas e outras ignominias que deshonram as



nossas cidades e os nossos campos. Estacamos o manancial d'esses milhões que, de todas as partes, afluem para o grande mendigo de Roma e para os sub-mendigos inumeraveis de suas congregações. Emfim, pela propaganda de cada dia, arrebatamos aos padres as creanças que lhe costumam levar para o batismo, os jovens que elles pretendem unir pelo casamento, os moribundos que elles aspergem mediante a esportula. Descristianisamos o povo!

Porém as escolas cristianisam-no, respondem-nos; e como encerraremos nós essas escolas, uma vez que ante ellas encontramos paes de familia que reivindicam a «liberdade» de educação preferida por elles? A nós que sem cessar falamos da «liberdade» e que não compreendemos o individuo digno d'esse nome senão na plenitude da sua altiva independencia, eis que se nos opõe tambem a «liberdade»! Se esta expressão correspondesse a uma ideia justa, não teriamos senão que inclinar-nos com todo o respeito para ficar fieis a nós proprios; mas esta liberdade do pae de familia não será antes o arrebatamento, a apropriação pura e simples d'um filho que deveria ser senhor de si e que se entrega á Egreja ou ao Estado, para que o deformem a seu bel prazer? Não é uma liberdade semelhante á do industrial que dispõe de centenas ou de milhares de «braços» que os emprega como quer para fundir metaes ou para urdir a teia; uma liberdade como a do general que faz manobrar á sua vontade «unidades tacticas» de «baionetas» e de «sabres»?

O pae, herdeiro convicto do *paterfamilias* romano, dispõe actualmente de seus filhos e de suas filhas para os matar moralmente, ou peor ainda para os envilicer. D'estes dois in-

dividuos, o pae e o filho virtualmente eguaes aos nossos olhos, é o mais fraco que nós temos de apoiar com toda a nossa força; é com elle que temos de declarar-nos solidarios, é a elle que trataremos de defender contra todos os que o prejudiquem, seja o proprio pae ou o que como tal se apresente! Se, por uma lei especial imposta pela opinião publica, o Estado recusa ao pae de familia o direito de condemnar seu filho á ignorancia, nós que estamos de coração com a geração nova, empregamos todo o nosso esforço para a proteger contra uma educação perversa. Que a creança seja castigada, espancada, torturada pelos paes, ou ainda que seja catequisada, depravada por frades ignorantes, ou que ella aprenda com os jesuitas uma historia mentirosa e uma falsa moral, feita de baixeza e de crueldade, o crime parece-nos ser o mesmo e combatemol-o com egual energia.

Certamente, que enquanto a familia se mantenha sob a sua fórma monarchica, modelo dos Estados que nos governam, o ezercicio da nossa vontade firme de intervenção em favor da creança contra os paes e os padres será d'um cumprimento difficil, mas não é senão n'este sentido que deve dirigir-se todo o nosso estorço. Sejam os defensores da justiça ou os cúmplices do crime, não ha termo medio.

N'esta materia se estabelece ainda, como em todas as outras questões sociaes, o grande problema que se discute entre Tolstoi e os outros anarchistas, o da não-resistencia ou da resistencia ao mal. Pela nossa parte, sômos de opinião que o lesado que não resiste entrega de antemão os submissos e os pobres aos opressores e aos ricos. Resistamos sem odio, sem espirito de rancôr nem de vingança, com to-



da a serena doçura do filósofo que se domina e reproduz ezatamente o seu pensamento profundo e a sua intima vontade em cada um dos seus átos, mas resistamos! Atualmente a escola é nitidamente, absolutamente dirigida contra nós, como o seria o golpe d'uma espada ou d'alguns milhões de espadas, porque se trata de dispôr contra nós todas as creanças da geração nova. Nós compreendemos a escola, como a sociedade, «sem deus nem senhor», e coligamo-nos com toda a nossa intelligencia e a nossa inergia contra as escolas em que se ensina a obdiencia a Deus e sobretudo aos seus representantes, os senhores de todas as especies, paes e frades, reis e funcionarios. Reprovamos inteiramente as escolas em que se ensinam os pretendidos deveres civicos, — isto é, o cumprimento servil das leis e o odio aos povos estrangeiros, — como as escolas em que se repete ás creanças que não sejam mais do que «instrumentos nas mãos dos padres». Nós reprovamos essas escolas, e quando tivermos força nós as fecharemos.

«Vã ameaça! dir-se-á com ironia. Não sois os mais fortes e nós dominamos ainda os reis e os militares, os magistrados e os carrascos.» Sim, isso parece verdadeiro; mas todo esse aparelho de repressão não nos amedronta, porque ter a verdade por aliada e derramar a luz constitue tambem uma grande força. A historia desenrola-se em nosso favor, e se a ciencia «tez bancarrota» para os nossos inimigos, ella tornou-se o nosso guia e o nosso apoio. A differença isencial entre os agentes da Egreja e os seus adversarios, entre os escravizados e os homens livres, é que os primeiros, privados da iniciativa propria, enfraquecem-se pouco a pouco e morrem, enquanto que o renovamen-



to da vida se faz em nós pela atividade espontanea das forças anarquicas. A nossa sociedade nascente de homens livres, que busca penosamente libertar-se da crisalida burgueza, não poderia ter nenhuma esperança de triunfar um dia, não poderia mesmo surgir, se em vez de homens sinceros com uma vontade e uma inergia proprias, tivesse ante si o imenso ezercito de devotos e devotas, abatido pela prostração e pela obediencia e condemnado á ataxia intelectual. Qualquer que seja no ponto de vista especial do seu mister, da sua arte ou da sua profissão, o valor do catolico crente e ezercitante, não é no ponto de vista do pensamento senão uma materia amorfa e sem consistencia. Não é um organismo que vive.

Comtudo, é preciso não esquecer que os adversarios mais a recear não são os crentes, esses pobres suicidas do espirito que se vê prostrados nas capellas, tendo sobre os olhos o veu espesso com que a fé beata lhe oculta o mundo real. Os hypocritas ambiciosos que os dominam e os indifferentes que, sem ser catolicos, estão ligados oficialmente á Igreja são bem mais perigosos que os cristãos. Por um fenomeno contraditorio na apparencia, o ezercito clerical torna-se cada vez mais numeroso á medida que a fé diminue. As forças inimigas formam-se com elementos d'uma e outra parte. A Igreja tem agrupado atraz de si todos os seus cumplices naturaes aos quaes é preciso escravos para governar; reis, militares, funcionarios de toda a especie, voltairianos arrendidos e até honestos paes de familia que querem fazer educar seus filhos muito instruidos, bem formados, graciosos e polidos, mas sem firmeza no olhar e sem virilidade no pensamento. Aliás, tudo isto é feito sob a alta

proteção do que se chama «a Republica». Por isso bem mereceu ella a exclamação triunfante do bispo Dupanloup: «Logo que a Republica não teve por efeito senão fazer voltar os jesuitas e todas as congregações, compreendendo porque Deus a permitiu!»

E a Igreja, sempre apaixonada pela rapina, não deixou de exigir só direito de entrada a todos os seus novos aliados, republicanos e outros. É d'esta maneira que as riquezas do clero são prodigiosamente acumuladas: só na França, os bens ecclesiasticos teem muito mais que duplicado nos ultimos vinte anos do seculo dezenove; avaliam-se em milhares de contos de réis as terras e as casas que pertencem abertamente aos padres e aos frades, mas quantos milhões possuem ainda sob os nomes de velhos senhores e de antigas herdeiras! Alguns jacobinos regosijam-se quasi por ver essas propriedades immensas accumularem-se nas mesmas mãos, esperando que o Estado poderá, d'um só golpe, apossar-se d'ellas um dia: remedio este que removeria a doença, mas não a curaria! Essas propriedades, produtos do roubo e da astucia, é necessario recuperal-as á viva força, não para uma classe, não para alguns, mas para todos. Ellas fazem parte do grande haver terrestre pertencente ao conjunto da humanidade.

Estando todos os elementos da reacção unificados sob o mesmo estandarte, sob o «simbolo da cruz», seriamos muito ingenuos se nos deixassemos enganar pela divisa d'essa bandeira. Não se trata aqui da fé religiosa, mas da dominação: a crença intima não é mais que um pretexto para a immensa maioria dos que querem manter o monopolio dos poderes e das riquezas; para elles, o unico fim, é impedir a



todo o transe a realização do ideal moderno, o pão para todos, a liberdade, o trabalho e o descanso para todos. Os nossos inimigos, ainda que se odeiem e se desprezem mutuamente, tem cedido portanto a agruparem-se num só partido, e esta grande evolução é de natureza a divertir-nos e a encorajar-nos no combate supremo. Isolados, as respectivas causas das castas dirigentes são demasiado pobres de argumentos, demasiado ilógicas para que ellas possam tentar defender-se com exito; é-lhes por conseguinte indispensavel ligar-se a uma causa superior, a Deus em pessoa, o «princípio de todas as coisas», o «grande ordenador do universo». Seguem a tática que uzam, em batalha, os corpos de tropas muito expostos abandonando os redutos exteriores recentemente construidos para formar em coluna cerrada, ao centro da posição, na cidadela antiga, acomodada pelos engenheiros á guerra moderna.

Transportemo-nos, pela imaginação, ao porvir de irreligião consciente e raciocinada. Qual será, nessas condições novas, a obra por excellencia dos homens de boa vontade? Substituir as alucinações pelas observações positivas, preferir ás illusões do paraizo que se prometia aos famelicos, as realidades d'uma vida de justiça social, de bem estar, de trabalho moderado. Não será difficil encontrar para os fieis da religião humanitaria uma felicidade mais substancial e mais moral que aquella com que os cristãos se contentam atualmente. O que falta a estes, é não ter o arduo trabalho de pensar por si proprios e de buscar na sua propria consciencia o mobil das suas ações; não tendo fétiche visivel como os nossos selvagens antepassados, possuem um fétiche secreto que pensa as suas feridas de amor-proprio, que os consola nas

sua aflição; que lhes torna as horas de sofrimento menos longas e lhes assegura até uma vida imortal, izenta de toda a inquietação. Mas tudo isto para elles pessoalmente: a sua religião não cura dos desgraçados que proseguem com perigo a dura batalha da vida; como os espectadores da tempestade de que fala Lucrecio, agrada-lhes ver, da praia, os gestos dos naufrago; lutando com as ondas.

O nosso ideal de felicidade não é esse egoismo cristão do homem que se salva vendo perecer o seu semelhante. Nós, os anarquistas, que trabalhamos para a emancipação completa do nosso individuo, colaboramos por isso mesmo para a liberdade de todos os outros e asseguramos-lhes o avanço solidario de cada um dos nossos esforços. A nossa vitoria pessoal não se concebe sem que ella se torne ao mesmo tempo uma vitoria coletiva; a nossa aspiração de felicidade não pode representar-se senão na felicidade de todos; a sociedade anarquista não é um corpo de privilegiados, mas uma comunidade de eguaes, e será uma felicidade muito grande, de que não temos hoje a minima ideia, viver num mundo onde não veremos famintos pedindo esmola, nem prostitutas entregando-se para ter pão, nem homens válidos fazendo-se soldados ou mesmo policias, por não terem outro meio de ganhar a sua vida. Reconciliados, porque os interesses de dinheiro, de posição, de casta, não farão d'elles inimigos natos uns dos outros, os homens poderão estudar juntamente, tomar parte, segundo as suas afinidades pessoaes, nas obras coletivas da transformação planetaria, na redação do grande livro dos conhecimentos humanos, numa palavra, viver uma vida livre, cada vez mais ampla, extremamentè consciente e frater-



nal, escapando assim ás alucinações, á religio-  
sidade e á Igreja.

E os prazeres da arte, actualmente privilegio de alguns, não pertencerão tambem egualmente a todos? O clero tem presentemente uma pretensão que seria engraçada se, á força de ter sido proferida, ella não fosse aceite como verdade pura pela grande maioria dos Prudhommes que se satisfazem com intrigas e embustes pomposos. Elle reivindica como seus os architectos da idade media, os pintores e os esculptores da Renascença, todos os artistas que viveram sob o dominio da Igreja e que, aliás, na maior parte deveram o seu genio ao seu espirito de independencia ou mesmo de revolta. Quando as basilicas e as cathedraes eram monumentos publicos onde todos os moradores da cidade julgavam suas causas, politicas ou sociaes assim como religiosas, onde as corporações se reuniam para discutir os seus interesses, mesmo contra os padres e os prelados, os edificios que representavam o conjunto da população urbana deviam o seu caracter de beleza á unidade d'alma que os fizera surgir. A sociedade civil era glorificada nessa obra colectiva á qual os recursos da cidade haviam sido consagrados durante seculos. As mais bellas igrejas, da Italia, da Alemanha, da Belgica, da França, não são precisamente as das cidades em que os burguezes estavam constituidos em comunas, em republicas, em cidades livres, e que administravam os seus negocios com toda a independencia, ao mesmo tempo contra os fidalgos e contra os bispos? Quando os Jesuitas, por fim inteiramente soberanos, crearam um estilo d'arquitetura bem d'elles, sem o concurso dos pedreiros livres, antecessores dos «francs-maçons», então as suas cons-

truções, com todo o seu cortejo de volutas, de carrancas e de douraduras, testemunharam sufficientemente o grau de fealdade a que podem atingir os falsos artistas da casta sacerdotal! Como esses crustaceos das praias que se alojam em bellas conchas de emprestimo, os padres attribuem-se o merito de haverem edificado os bellos monumentos da idade media nos quaes estão subreticiamente introduzidos; porém se os tivessem deixado á vontade, não haveria um só d'esses edificios que elles não tivessem deformado e infamado,

Os catolicos que pretendem estar oficialmente de posse da sociedade, não são nem serão os seus senhores, porque elles não sabem senão soffocar, comprimir, amesquinhar: tudo o que é vida se lhe escapa. Que elles se apressem a proclamar a «bancarrota da arte» como proclamaram a da ciencia, a do trabalho, de todas as forças e de todas as virtudes humanas, porque são incapazes de comprehender a beleza, e as suas obras serão tão mesquinhas como o fetichismo que lhes dá origem. É fóra do seu circulo que se ezejuta tudo o que é grande e generoso. E é fóra d'elles, ainda que lhes péze, que os pobres, a quem prometiam ironicamente todas as riquezas do Paraizo, conquistarão enfim o bem-estar da vida presente: é contra a vontade d'elles que se fundará a verdadeira Comuna, a sociedade dos homens livres, para a qual nos teem encaminhado tantas revoluções anteriores contra o padre e contra o rei.





ERRATA.— Na pagina 8, linhas 27 e 28 onde se lê: *aparelho de repressão*, deve lêr-se *aparato de repressão*; muitas cutras *gralhas* passaram á revisão, mas que o leitor facilmente corrigirá.







AHS

4051

Shi